

NACIONAL

Meirelles e Mercadante em colisão

Economia - Brasil

*O presidente do BC
e o senador travam
duelo verbal
pontuado por muita
ironia e críticas*

DANIEL PEREIRA
BRASILIA

Os presidentes do Banco Central, Henrique Meirelles, e da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP), duelaram ontem sobre a taxa básica de juros da economia (Selic), fixada em 13% ao ano. Sentados lado a lado, trocaram críticas e ironias, com o petista chegando a sugerir que a autoridade monetária perseguia uma meta de inflação secreta, inferior à meta aprovada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN).

Meirelles desferiu o ataque inicial. Ironizou integrantes da chamada ala desenvolvimentista do governo e parlamentares do PT que reclamam do fato de o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ter ficado em 3,14% no ano passado, abaixo do centro da meta de inflação, de 4,5%. Segundo os críticos, o resultado prova que o BC exagera na dose ao fixar a Selic, cujo nível atual frearia o crescimento econômico do País.

“Não existe caso de inflação que não oscile acima e abaixo do centro da meta”, rebateu Meirelles. “A inflação é um organismo vivo. Se o eletrocardiograma está reto, o paciente está morto”.

Meirelles ressaltou que nos países desenvolvidos e emergentes a inflação foi menor do que o centro da meta em 55% das vezes. No Brasil, só em 12% dos casos. “Isso mostra que o BC não é hiperconservador”.

O discurso e os números apresentados não convenceram Mercadante. Depois de ressaltar que não contestava o regime de metas de inflação, o senador acusou a autoridade monetária de ser “excessivamente conservadora” ao fixar a Selic. Classificou de erro a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) de cortar o juro básico em 0,25 ponto na última reunião, quando haveria brecha para redução de pelo menos 0,5 ponto. A janela para queda mais acentuada da taxa básica estaria

aberta porque, entre outros fatores, a expectativa de inflação do mercado financeiro está abaixo do centro da meta, o risco-país continua menor do que 200 pontos, o Banco Central dos Estados

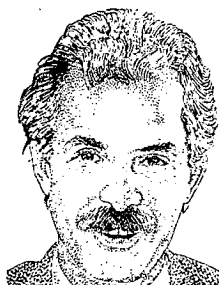
Unidos não aumentou o juro norte-americano e há capacidade ociosa na indústria nacional para atender a eventual aumento da demanda agregada. A possibilidade deste aumento foi citada pelos integrantes do Copom para justificar a decisão.

Depois de desenhar o cenário favorável, Mercadante levantou a suspeita de o Banco Central ter uma meta de inflação secreta. “A taxa real de juros, a maior do mundo, estimula a valorização do real, prejudica as exportações e aumenta o custo fiscal de manutenção das reservas

internacionais” afirmou o senador, que em 2004 defendia meta de inflação um pouco maior do que os 4,5% atuais e que não compromettesse o crescimento da economia. “O que se está pedindo é que a inflação não fique tanto tempo abaixo da meta. Quem paga a conta é o País”.

Em resposta, Meirelles lembrou que a inflação ficou acima da meta em 2003, 2004 e 2005. Acrescentou que o IPCA do ano passado é baixo para os níveis históricos brasileiros, mas maior do que o registrado em países emergentes, como Coreia e Chile. “Não temos metas implícitas, senador. Tivemos um comportamento explícito quando aumentamos a meta (para 5,1% em 2004)”, disse o presidente do Banco Central.

Completo com uma ironia: “Todos concordamos que o cenário é positivo, tanto que houve corte da Selic, quando a maior parte do mundo está parando ou aumentando o juro”. Meirelles também rebateu argumento pautado na disparidade entre o juro brasileiro e o norte-americano. Disse que a diferença entre os dois caiu de 16,25 pontos, em setembro de 2005, para 7,75 pontos. Ressaltou ainda que a Selic é uma referência para as taxas dos bancos. E que estas sim, em última análise, têm impacto na economia. Na tréplica, Mercadante disse que as alegações foram competentes, mas não o convenceram. Meirelles não emendou, mas é certo que pensa a mesma coisa sobre o palavrório do adversário.



Aloizio Mercadante